

**SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO****A CONSTRUÇÃO DE UM LEITOR IMPLÍCITO NO CONTO “INTRODUÇÃO AO PASSO DA GUANXUMA”, DE CAIO FERNANDO ABREU***Ana Paula Cantarelli<sup>1</sup>***RESUMO**

O Passo da Guanxuma é uma cidade ficcional criada por Caio Fernando Abreu, em 1984, que se tornou recorrente na produção literária desse autor. Presente em vários textos, o Passo aproxima características espaciais, personagens e ações. Essa aproximação ganha destaque no conto “Introdução ao Passo da Guanxuma” pertencente ao livro *Ovelhas negras*. A partir dos conceitos de “leitor implícito” e de “vazios” propostos por Wolfgang Iser, buscamos, neste estudo, perceber como esse conto cria textualmente um “perfil” de leitor capaz de preencher os vazios do texto com conhecimentos trazidos de publicações anteriores de Abreu possuidoras de referências ao Passo da Guanxuma, entrelaçando-as e ressignificando-as.

**Palavras-chave:** Leitor implícito. Vazios. Passo da Guanxuma.

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A cidade ficcional de Passo da Guanxuma foi criada por Caio Fernando Abreu em 1984 e, a partir de então, tornou-se recorrente em sua produção literária. Presente em vários textos, o Passo aproxima características espaciais, personagens e ações. Essa aproximação ganha destaque no conto “Introdução ao Passo da Guanxuma” - objeto de nossa análise -, pertencente ao livro *Ovelhas negras*.

A partir dos conceitos de “leitor implícito” e de “vazios” propostos por Wolfgang Iser, buscamos neste estudo perceber como esse conto cria

textualmente um “perfil” de leitor que seja capaz de preencher os vazios do texto com conhecimentos trazidos de textos anteriores escritos por Abreu possuidores de referências ao Passo da Guanxuma, entrelaçando-os e ressignificando-os. Assim, o primeiro conceito que assume importância central para nossa análise é o de leitor implícito. De acordo com Iser (1996, p. 36), o leitor implícito:

encarna todas as predisposições necessárias para que a obra literária exerça seu efeito – predisposições fornecidas, não por uma realidade empírica exterior, mas pelo próprio texto. Conseqüentemente, as raízes do leitor implícito como conceito são implantadas firmemente na estrutura do texto; trata-se de uma construção e não é um absoluto identificável com nenhum leitor real.

Assim definido, o leitor implícito apresenta-se como uma construção textual, presente na estrutura da narrativa, como um papel atribuído ao leitor empírico pelo texto. A partir do conceito de leitor implícito proposto por Iser, o ato de leitura passa a ser percebido como a concretização da visão esquemática do texto, ou seja, como o ato de imaginar personagens, espaços, ações, preenchendo lacunas nas narrações e descrições, construindo uma coerência a partir dos elementos ofertados durante a leitura. Segundo Iser (1996, p. 36):

O conceito de leitor implícito é uma estrutura textual, prefigurando a presença de um receptor, sem necessariamente defini-lo: esse conceito pré-estrutura o papel a ser assumido pelo receptor, e isso permanece verdadeiro mesmo quando os textos parecem ignorar seu receptor potencial ou excluí-lo como elemento ativo. Assim, o conceito de leitor implícito designa uma rede de estruturas que pedem uma resposta, que obrigam o leitor a captar o texto.

O leitor implícito define as condições de entrada do leitor empírico no texto, constituindo-se em uma imposição, propondo um modelo que permite ao leitor empírico compor o sentido do texto. Ao leitor empírico cabe seguir os indícios fornecidos ao leitor implícito. Esse conceito formulado por Iser (1996) nos leva a indagar: O que se espera do leitor implícito presente na estrutura do conto “Introdução ao Passo da Guanxuma”? Como ele está estruturado no texto?

Para responder essas perguntas, também recorreremos, ao longo da análise, ao conceito de “vazios”. Iser (1979), no texto “A interação do texto com o leitor”, inicialmente aborda o processo de interação a dois, no qual os indivíduos estão

frente a frente. Nesse contexto de interação, além da entonação da voz, a expressão corporal assume grande relevância no processo comunicativo, uma vez que um gesto pode denunciar a incompreensão de uma sentença emitida por um dos participantes. Contudo, Iser adverte que, mesmo frente a frente, não somos capazes de nos ver como os outros nos vêem: “não temos experiência de como os outros nos experimentam” (ISER, 1979, p. 86). Essa não possibilidade de sabermos como o outro nos vê, nos conduz à necessidade de realizarmos interpretações que sejam capazes de preencher os vazios presentes no espaço entre a fala de um indivíduo e a contestação de outro.

A relação texto-leitor difere da anterior, uma vez que não há a interação face a face, pois “o texto não pode sintonizar, ao contrário do parceiro na relação diádica, com o leitor concreto que o apanha” (ISER, 1979, p. 87). Entretanto, há, também no texto, a presença de vazios que devem ser preenchidos pelos leitores através de constantes projeções: “são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor que origina a comunicação no processo de leitura” (ISER, 1979, p. 88). São esses vazios, que se abrem para que o leitor os preencha, que o “convidam” a completar a tessitura narrativa com conhecimentos trazidos de outros textos ou com informações que estão dispostas ao longo da narrativa lida.

A partir desses esclarecimentos iniciais, voltemos o nosso olhar para a organização narrativa do conto “Introdução ao Passo da Guanxuma”, a fim de perceber como o leitor implícito está nela estruturado, como os vazios estão nela dispostos e quais informações são necessárias para preenchê-los.

### **“INTRODUÇÃO AO PASSO DA GUANXUMA”**

O texto selecionado para a realização deste trabalho foi o conto “Introdução ao Passo da Guanxuma”, do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, presente no livro *Ovelhas negras*, publicado em 1995. A partir desse texto, que será o foco central das análises tecidas ao longo do estudo, outras publicações de Abreu também serão abordadas, uma vez que o conto permite o estabelecimento de relações com outros textos do mesmo escritor através da retomada de

personagens, de ações e, principalmente, da cidade ficcional de Passo da Guanxuma. Assim, a novela “Pela noite” pertencente a *Triângulo das águas* (1983)<sup>2</sup>; os contos “O destino desfolhou” e “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga” pertencentes ao livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988) e o romance *Onde andaré Dulce Veiga?: um romance B* (1990) serão também mencionados.

Na década de 1990, quando *Ovelhas negras* foi publicado, Abreu já havia ganhado fama internacional, tendo livros vertidos para o alemão, o francês, o italiano e o inglês. No Brasil, era um escritor cujas publicações circulavam em todo o país com reconhecimento e aceitação da crítica. *Ovelhas negras*, último livro publicado antes de Abreu falecer, foi apontado pelo autor como uma espécie de “pré-póstumo”: “Termino livro novo, chama-se *Ovelhas negras*. É assim digamos um pré-póstumo” (ABREU in MORICONI, 2002, p. 332), visto que se encontrava bastante debilitado em virtude da AIDS. Esse livro “pré-póstumo” abarca uma ampla diversidade temporal, pois os contos nele presentes compõem uma espécie de biografia ficcional do autor, passando desde o texto “A maldição dos Saint-Mari”, escrito em 1962, quando Abreu tinha entre treze e quatorze anos, até “Depois de agosto”, escrito em fevereiro de 1995. Provavelmente, o avanço da doença e a iminência da morte foram os propulsores que levaram Abreu a organizar esse “rebanho” de ovelhas negras e a conduzi-lo para o exterior de seus guardados, da mesma forma que havia conduzido os demais textos.

“Introdução ao Passo da Guanxuma” data de 1990, como nos informa o autor em um pequeno texto que antecede o conto, que ele denominou de “o conto do conto”: “Este texto, de 1990, pretendia ser o primeiro capítulo de um romance inteiro sobre o Passo tão ambicioso e caudaloso que talvez eu jamais venha a escrevê-lo” (ABREU, 1995, p. 67). Com o avanço da doença, Abreu tornou o que seria um capítulo de romance em um conto narrado em terceira pessoa. Nesse conto, a apresentação do Passo está associada aos quatro pontos cardeais, que correspondem às quatro estradas principais que dão acesso à cidade. O narrador apresenta cada uma das estradas retomando ações e personagens presentes em outros textos que possuem referências ao Passo.

Lugares como o Cinema Cruzeiro do Sul, o meretrício da Morocha e a

sanga de Caraguatatá voltam à cena, agora localizados espacialmente na cidade e com maior riqueza de detalhes. Espaços como a Vila Militar Rondon, a Senzala (“viveiro de domésticas, pedreiros, jardineiros, benzedeadas e mandaletes para a cariocada da Vila Militar Rondon” – ABREU, 1995, p. 73), o quartel, a praça central, a igreja, etc. surgem nesse texto na tentativa de ampliar a caracterização da cidade e de torná-la mais específica, uma vez que os textos anteriores, nos quais ela figurava como espaço ficcional, não possuíam essa preocupação. A caracterização do Passo da Guanxuma, a menção de personagens e de ações que estão presentes em outras publicações implicam na estruturação de um leitor implícito com traços particulares, capaz de valer-se de conhecimentos adquiridos em outros textos de Abreu para completar os vazios presentes na trama narrativa.

### **O LEITOR IMPLÍCITO E A CONSTRUÇÃO DE VAZIOS EM “INTRODUÇÃO AO PASSO DA GUANXUMA”**

O conceito de leitor implícito, cunhado por Iser (1996), não corresponde a um leitor empírico específico, mas é, antes, uma estrutura do texto que projeta a presença do receptor. Sem existência real, o leitor implícito é construído na própria estrutura textual, o que nos leva a perceber que as condições necessárias à existência e à atualização do texto se inscrevem em sua própria organização e construção. O conceito de leitor implícito enfatiza as estruturas de efeito do texto, cujos atos de apreensão relacionam o receptor ao texto.

A partir do reconhecimento do leitor implícito como uma estrutura do texto, espera-se que o ato de leitura atualize os conhecimentos fornecidos pelo texto em um constante movimento de avanço e recuo (ISER, 1996). Iser cria a metáfora do viajante para explicar esse movimento:

O leitor é estilizado como viajante que, através do romance, empreende uma viagem difícil, a partir de seu ponto de vista flutuante. É evidente que ele combina, em sua memória, tudo que vê e estabelece um padrão de consistência, cuja confiabilidade depende parcialmente do grau de atenção que manteve em cada fase da viagem. Em nenhum caso, porém, a viagem inteira é disponível para o leitor a cada momento. (ISER, 1996, p. 44-45)

De acordo com ele, o ponto de vista do leitor sobre o texto é móvel, uma vez que o texto nunca está disposto em sua totalidade, pois a cada passagem somente um de seus aspectos se mostra. Como um viajante em um carro, a cada momento somente um dos aspectos do texto é visto, contudo os aspectos anteriores, dispostos ao longo do caminho percorrido, são constantemente atualizados, estabelecendo um esquema de coerência que depende de sua atenção. Ao chegar ao fim do texto, com todo o caminho percorrido, o “leitor-viajante” é capaz de dispor da totalidade das referências encontradas, compondo de maneira coerente seu “itinerário”, ou seja, sendo capaz de atribuir sentido ao texto.

Ao percorrer o itinerário, o leitor irá se deparar com diversas lacunas que invocam conhecimentos dispostos ao longo do caminho ou pertencentes a outras “viagens” (leituras) realizadas. Essas lacunas são denominadas por Iser de “vazios”. De acordo com esse autor, os textos ficcionais não são estruturas plenas, mas discursos marcados por indeterminações chamadas de “vazios” – hiatos estruturados pelo autor com maior ou menor consciência -, que pedem uma intensificação da atividade interpretativa do leitor para serem preenchidas:

O texto é um sistema de combinações e assim deve haver também um lugar dentro do sistema para aquele a quem cabe realizar a combinação. Este lugar é dado pelos vazios no texto, que assim se oferecem para a ocupação pelo leitor. Como eles não podem ser preenchidos pelo próprio sistema, só o podem ser por meio de outro sistema. Quando isso sucede, se inicia a atividade de constituição, pela qual tais vazios funcionam como um comutador central da interação do texto com o leitor. (ISER, 1979, p. 91)

Dessa forma, o sentido do texto é produzido através da interação entre o texto e o leitor, por meio do preenchimento dos vazios. Os vazios indicam os segmentos do texto a serem conectados, “representam as ‘articulações do texto’, pois funcionam como as charneiras mentais das perspectivas de representação e assim se mostram como condições para a ligação entre os segmentos do texto” (ISER, 1979, p. 106). Ao texto cabe designar orientações para a produção de um sentido, que no caso da literatura é o objeto estético, embora o texto não tenha domínio completo do efeito que produz no leitor. Ao leitor empírico cabe seguir

tais instruções ou orientações e produzir o seu significado, ou seja, cumprir o papel designado a ele pelo leitor implícito. A produção do significado possui um caráter dinâmico, sendo efetivada durante o ato de leitura pela conexão dos segmentos encontrados ao longo da narrativa. Contudo, a comunicação entre o texto e o leitor fracassará quando o leitor preencher os vazios apenas com suas projeções, impondo-as independente do texto, “fomentadas que serão pela própria fantasia ou pelas expectativas estereotipadas do leitor. Ao invés, a comunicação de êxito dependerá de o texto forçar o leitor à mudança de suas ‘representações projetivas’ habituais” (LIMA, 1979, p. 51).

Frente ao texto ficcional, o leitor empírico deve constantemente se perguntar se a formação de sentido que está construindo é adequada à leitura que está cumprindo. De acordo com Iser, somente dessa maneira a assimetria entre texto e leitor poderá dar lugar “ao campo comum de uma situação” comunicacional. É o texto que desperta no leitor “competente” uma interpretação a partir de seu próprio repertório. Esse repertório é constituído de experiências da vida social, cultural, comunitária. O leitor passa a ter um papel mais atuante quando guiado pelas direções indicadas pelo texto, quando desempenha o papel concedido pelo leitor implícito. O texto é uma espécie de guia de orientação, ou seja, algo que se instrumentaliza para encontrar o sentido. O leitor “competente” seria aquele capaz de, seguindo as imposições do leitor implícito, perceber os vazios criados pela lógica interna da narrativa, preenchendo-os, seguindo as orientações, as determinações do texto, sendo capaz de construir um sentido durante o ato de leitura a partir das instruções que lhe foram dadas, reformulando o texto apreendido.

Voltemos nosso olhar, então, para o conto selecionado: Como estão construídos os vazios na trama narrativa de “Introdução ao Passo da Guanxuma”? Como o leitor implícito está estruturado nesse conto? Para responder a primeira pergunta nos deteremos em mostrar a elaboração de alguns vazios no conto analisado.

Com um narrador em terceira pessoa, o conto inicia com a seguinte frase: “por quatro pontos pode-se entrar ou sair do Passo da Guanxuma” (ABREU, 1995, p. 68). A partir dessa sentença inicial, o narrador apresentará cada uma das

estradas que dão acesso ao Passo através da menção de personagens e de lugares em uma tentativa de caracterizar essa cidade.

A primeira é a estrada do lado leste: “Lá, onde já não existem casas, fora um ou outro rancho perdido no campo entre capões de eucaliptos, a estrada começa seu caminho em direção a Porto Alegre” (ABREU, 1995, p. 69). Relacionado a essa estrada, há a criação de um vazio quando o narrador menciona o Cine Cruzeiro do Sul: “os plátanos são muito altos, dos dois lados da estrada, e as folhas superiores, de ambos os lados, quase chegam a se misturar, formando uma espécie de túnel — que mesmo antes do filme com Doris Day, grande sucesso do Cine Cruzeiro do Sul, ganhou o nome de Túnel do Amor” (ABREU, 1995, p. 69). Sem nenhuma outra referência a esse cinema, não sabemos quem o frequenta nem em que horários. Esse vazio, entretanto, pode ser preenchido pela recuperação de informações presentes no conto “O destino desfolhou” pertencente ao livro *Os dragões não conhecem o paraíso*. Nesse conto, tal cinema servia como palco para as apresentações de fim de ano do Grupo Escolar do qual o protagonista e Beatriz, a menina que ele amava, eram alunos. Quando adolescentes, o protagonista, Beatriz e outros colegas de colégio iam ao Cine Cruzeiro do Sul para assistirem às matinês de domingo, às 16 horas. Não há referências a essas personagens em “Introdução ao Passo da Guanxuma”, mas a menção do cinema permite que este espaço seja reatualizado, sendo localizado pontualmente dentro da cidade de Passo da Guanxuma.

Relacionada à estrada do lado leste, ainda há a menção da personagem Dulce Veiga: “Foi assim que Dulce Veiga certa vez entrou na cidade de tardezinha, pouco antes de ir embora para sempre, um girassol dos pequenos entre os cabelos naquele tempo ainda castanhos, lisos, caídos abaixo da cintura, tantos anos atrás, quase ninguém lembra sequer que ela era de lá” (ABREU, 1995, p.70). Há referências a essa personagem no conto “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, pertencente ao livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, na novela “Pela noite”, pertencente ao livro *Triângulo das águas*, e no romance *Onde andaré Dulce Veiga?*. Entretanto, em nenhum desses textos há qualquer menção que vincule essa personagem ao Passo da

Guanxuma. Ao relacioná-la a essa cidade, cria-se um vazio no texto, que necessita da intervenção do leitor que conhece essa personagem e sua trajetória enquanto cantora para preenchê-lo. Sem esse conhecimento, esse vazio segue sem preenchimento e essa menção perderá grande parte de sua significação.

No que diz referência à estrada do lado norte, mais um vazio é criado quando o narrador menciona que este caminho é mais erótico e menos romântico que o anterior, sendo o caminho no qual fica o meretrício da Morocho: “quem brilha soberana sobre a carne e os prazeres é La Morocho, uma paraguaia meio índia de olhos verdes estreitos de cobra e cuia de mate novo sempre entre os dedos cheios de anéis” (ABREU, 1995, p. 71). O vazio, nessa passagem, é criado pela falta de referências aos frequentadores do lugar e às descrições do interior do meretrício – só há referências à parte externa da casa: “passada a meia dúzia de casas dos domínios de La Morocho, só a dela de material, com parreira nos fundos e hibiscos vermelhos na frente” (ABREU, 1995, p. 71). As descrições da parte interna da casa e o público que a frequenta presentes no conto “O destino desfolhou”, do livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, podem ser utilizadas para preencher esse vazio:

Os anéis cintilaram quando ela abriu a porta para que ele penetrasse no interior enfumaçado. Já estavam lá, ou chegariam depois, não lembrava, o Caramujo, o Pancho, o Bira e talvez um ou outro daqueles bagaceiros todos que tinham tocado em Beatriz. Não falou com ninguém. Sentou sozinho numa mesa, pediu um maço de Hudson com ponta, uma cerveja. [...]

Na manhã seguinte, quando Toninho aos berros finalmente conseguiu acordá-lo, lembrava apenas de ter pedido para ouvir *O Destino Desfolhou*, depois de uma vomitada espetacular bem no meio da sala. Mais que tudo, das pernas escancaradas de uma loira meio velha numa cama de lençóis com cheiro estranho. (ABREU, 1988, p. 34)

Nessa estrada, há, ainda, a referência à sanga de Caraguatatá. Ao mencionar a sanga, o narrador menciona também o assassinato de Dudu Pereira:

Os lajeados são muitos, a sanga Caraguatatá desdobra-se secreta e lenta entre pedras, algumas tão altas que podem ser usadas como trampolim, e para quem tiver coragem de entrar pelo mato cerrado onde, dizem, até onça tem, revela praias de águas cada vez mais cristalinas, que pouca gente viu. Numa delas, certa manhã de setembro, Dudu Pereira foi encontrado morto e nu, a cabeça espatifada por uma pedra

jogada ao lado, ainda com fios de cabelo grudados, lascas de ossos e gotas cinzas de cérebro. (ABREU, 1995, p. 72)

A referência à morte de Dudu sem identificar a causa ou o assassino cria um vazio no texto que necessita da recuperação de informações do conto “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, pertencente ao livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, para ser preenchido. Em “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, o narrador em primeira pessoa revela ser o assassino de Dudu e os motivos que o levaram a cometer tal ato:

Desde aquela tarde quase quente de setembro, quando nos estendemos nus sobre a areia clara das margens da sanga Caraguatatá, um dia perto do teu aniversário, o céu azul feito alguém tivesse pintado ele, essas ventanias de primavera secando rápido nossos cabelos molhados, enquanto uma borboletinha amarela esvoaçava entre nós para escapar depressa no momento exato em que, ali do meu lado, você se debruçou na areia para olhar bem fundo dentro dos meus olhos, depois estendeu o braço lentamente, como se quisesse me tocar num lugar tão escondido e perigoso que eu não podia permitir o seu olho nos pêlos crespos do meu corpo, a sua mão na minha pele que naquele tempo não era branca assim, o seu hálito de hortelã quase dentro da minha boca. Foi então que peguei uma daquelas pedras frias da beira d’água e plac! ó, bati de uma só vez na tua cabeça, com toda a força dos meus músculos duros - para que você morresse enfim, e só depois de te matar, Dudu, eu pudesse fugir para sempre de você, de mim, daquele maldito Passo da Guanxuma que eu não consigo esquecer, por mais histórias que invente.(ABREU, 1988, p. 87)

O emprego dessas informações para preencher o vazio presente no conto “Introdução ao Passo da Guanxuma” necessita da participação de um leitor que tenha lido “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”. Sem essa participação, a menção a Dudu Pereira ficará restrita, perdendo parte de sua significação.

Estes são alguns dos vazios que podem ser identificados no conto estudado, cujos preenchimentos implicam na retomada e na re-atualização de textos publicados anteriormente ao conto, nos quais a cidade de Passo da Guanxuma figura como espaço ficcional. Há, além destes, outros vazios, associados à apresentação das quatro estradas, que seguem a mesma ordem de disposição e preenchimento, ou seja, implicam na recuperação de informações presentes em outros textos que apresentam referências ao Passo. A presença desse tipo de vazios torna o conto analisado um “ponto de encontro” que

aproxima textos escritos em diferentes momentos da produção literária de Abreu e que possuem como ponto em comum ações relacionadas a essa cidade ficcional. Depois de percebermos como estão organizados os vazios no conto analisado, passemos à segunda pergunta: Como o leitor implícito está estruturado nesse conto?

Considerando que o leitor implícito é construído na própria estrutura textual, através da percepção dos vazios anteriormente apresentados é possível inferir que tipo de leitor implícito é este. A estrutura textual de “Introdução ao Passo da Guanxuma” elabora um leitor implícito com conhecimento do restante da obra de Caio Fernando Abreu, “orientando” o leitor empírico no emprego textos publicados em diferentes momentos da vida do escritor para preencher os vazios presentes no conto. As instruções fornecidas pela narrativa – pelo leitor implícito - solicitam que o leitor empírico seja capaz de preencher as lacunas presentes na fala do narrador com informações que estão em outros textos - fora do conto -, para construir uma coerência que une elementos ofertados na leitura de “Introdução ao Passo da Guanxuma” e na leitura de outros textos.

O leitor implícito já começa a ser delineando antes mesmo do princípio da narrativa quanto, em um pequeno texto – “o conto do conto” -, o autor afirma:

A primeira vez que a cidade imaginária de Passo da Guanxuma apareceu num conto meu foi em “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, escrito em 1984 e incluído no livro *Os dragões não conhecem o paraíso*. Naquele conto é narrado o assassinato de Dudu Pereira, que volta a aparecer aqui. Em outras histórias, voltou a aparecer o Passo, até que assumi a cidade, um pouco como a Santa Maria de Juan Carlos Onetti. (ABREU, 1995, p. 67)

Tal informação antecipa a necessidade - imposta pela estrutura textual que se delineará no conto a seguir - de possuir conhecimentos que se encontram em outros textos, em publicações anteriores. Essa passagem inicial faz com que as menções anteriores ao Passo da Guanxuma comecem a ser acionadas pelo leitor empírico, tratando esse espaço ficcional como um lugar já conhecido e, por conseguinte, familiar, o que permite o estabelecimento, desde o início, de uma relação entre o conto a ser lido e os textos anteriormente publicados. Ao longo da leitura, os vazios criados no texto reforçam o “perfil” de um leitor implícito que

conheça a obra de Abreu, as personagens e as ações que estão vinculadas ao Passo, sendo capaz de guiar o leitor empírico no emprego destes conhecimentos para preencher os vazios.

Perceber o conto analisado como uma “trama” que possui espaços preenchidos e espaços por preencher permite que as informações de outros textos de Abreu, que também possuem o Passo da Guanxuma como espaço ficcional, integrem a tessitura narrativa. Contudo, deve-se salientar que esse processo de integração provoca mudanças nas projeções do leitor, que passa a perceber *Introdução ao Passo da Guanxuma* não apenas como uma projeção de textos já conhecidos, mas sim como o estabelecimento de relações entre diversos textos que se somam, ampliando suas possibilidades de significação. Cada texto somado ao conto analisado para preencher um dos vazios da estrutura narrativa pode ser percebido como um trecho, um momento, um fragmento de uma história que pode ser formada com personagens e ações que estão ligados através do Passo da Guanxuma. Essa percepção constrói um novo sentido para o conto analisado, ressignificando-o, tornando-o uma espécie de elo que une e amarra os demais textos, relacionando-os como componentes de uma grande narrativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conto “Introdução ao Passo da Guanxuma” foi escrito por Caio Fernando Abreu com o intuito de tornar-se o primeiro capítulo de um romance que seria ambientado na cidade ficcional de Passo da Guanxuma. Contudo, acabou convertendo-se em um conto publicado no último livro lançado antes de Abreu falecer. Esse texto, destinado à apresentação e à aspectualização do Passo, ganhou um importante papel em meio a outros textos que possuem referências a esse mesmo espaço. Quando o autor criou a cidade de Passo da Guanxuma e a empregou como espaço ficcional em diversos textos, ele estabeleceu um elo entre personagens, ações e sentimentos. As características dessa cidade não se alteraram ao longo dos textos, ao contrário, à medida que ingressamos na obra

de Abreu, cada vez mais temos informações que compõem a aspectualização do Passo.

O emprego, neste estudo, de conceitos como “leitor implícito” e “vazios” propostos por Iser, permitiu que fossemos capazes de relacionar os vários textos que contêm a cidade de Passo da Guanxuma como espaço ficcional, produzindo uma ressignificação do conto analisado a partir do seu encontro e associação com outros textos. “Introdução ao Passo da Guanxuma” converteu-se, então, em um elo, em um ponto de ligação entre diversas narrativas. A estrutura desse texto cria um leitor implícito que conhece a produção literária de Abreu, que é capaz guiar o leitor empírico durante o ato de leitura para conectar os vários segmentos dispersos ao longo dos textos já publicados e amarrá-los ao conto lido, produzindo sentido à medida que a leitura é efetivada, em um constante movimento de avançar e recuar, não somente no conto lido, mas também através de outros textos. Os vazios presentes na trama narrativa exigem um preenchimento que empregue segmentos de outras publicações, implicando em uma mudança de projeções, à medida que os textos “amarrados” ao conto podem ser percebidos como diversos fragmentos de uma grande história que tem como eixo de sustentação o conto analisado.

Ao final do estudo, fica a percepção de que os conceitos utilizados para a efetivação da análise contribuíram de forma eficaz para a apreensão e compreensão da obra de Caio Fernando Abreu, ampliando as possibilidades de leitura e de relação entre as diversas publicações desse autor.

## **THE CONSTRUCTION OF AN IMPLIED READER IN THE SHORT STORY “INTRODUÇÃO AO PASSO DA GUANXUMA”, BY CAIO FERNANDO ABREU**

### **ABSTRACT**

Passo da Guanxuma is a fictional city created by Caio Fernando de Abreu, in 1984, which became recurrent inside the literary production of this author. Present in several texts, Passo approaches special characteristics, characters and actions. This approach stands out in the short story “Introdução ao Passo da Guanxuma”, which belongs to the book *Ovelhas Negras*. From the concepts of

“implied reader” and “voids” proposed by Wolfgang Iser, we seek, in this study, to perceive how this short story creates textually a “profile” of a reader capable to fulfil the empty spaces of the text with knowledge brought from Abreu’s previous publications which contain references of Passo da Guanxuma, weaving and redefining them.

**Keywords:** Implied Reader. Voids. Passo da Guanxuma.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista CAPES.
- <sup>2</sup> A primeira edição publicada do livro Triângulo das águas data de 1983. Nessa publicação não havia referências ao Passo da Guanxuma. Em 1991, o livro passou por uma reescrita, tendo algumas passagens alteradas e contando com a inserção da cidade ficcional de Passo da Guanxuma.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Pela noite. In: \_\_\_\_\_. *Triângulo das águas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 103-211.

\_\_\_\_\_. *Os dragões não conhecem o paraíso*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. *Onde andaré Dulce Veiga?: um romance B*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Ovelhas negras*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 1995.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In.: JAUSS, H. R. et all. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Tradução e Coordenação de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.83-132.

\_\_\_\_\_. *O ato da leitura*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v.1

LIMA, L. C. Introdução: O Leitor demanda (d)a literatura. In: JAUSS, H. R. et all. *A*

*literatura e o leitor*. textos de estética da recepção. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 9-40.

MORICONI, Ítalo (org.). *Caio Fernando Abreu: Cartas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

*Recebido: 22 de setembro de 2011*  
*Aprovado: 12 de dezembro de 2011*  
*Contato: anapaula.cantarelli@gmail.com*